



Segundo Domingo depois do Natal (02/01/05)

1ª leitura (Antigo Testamento): Jeremias 31.7-14

O texto faz parte do "Livro da Consolação", (caps. 30-33) escrito em sua maior parte entre a reforma de 622 e a morte de Josias (609). Nessa época o reino do Norte (Israel) já havia sido destruído pelos assírios e o reino do sul (Judá) vivia os dias da reforma deuteronomística com a redescoberta de antigos temas da aliança. Os poemas do livro da consolação afirmam que Iahweh ainda ama o povo do norte e os fará retornar a sua terra, reunindo-s, porém, em torno de Sião (sul). Com o posterior exílio do sul, o "Livro da Consolação" adquiriu grande valor, pois sua mensagem trazia consolo e esperança aos exilados. A perícópe de hoje anuncia a alegria do retorno, com Iahweh pastoreando o povo pelo deserto (atenção para a tradição do deserto!) e culminando numa grande assembléia litúrgica com "virgens, jovens e velhos" dançando. Diante desse texto não há como dar um tom melancólico à celebração litúrgica. A liturgia de hoje deve ser bastante festiva (CEBC).

2ª leitura (Epístola): Efésios 1.3-6, 15-19a

A seleção do texto, deixando de fora os versículos 7-14 obedeceu ao tema do Natal: o louvor a Deus que enviou o seu Filho para que nos tornássemos semelhantes a Ele em amor.

Vs. 3ss – "Bendito seja..." Bendizer a Deus é um ato de ação de graças (dar graças) e louvor. Essa gratidão é motivada pela bênção do Espírito Santo descrita nos versos que se seguem: a decisão tomada por Deus, em sua bondade, de tornarmo-nos seus filhos e filhas adotivos participantes da glória de Deus, antes de todas as coisas, como plano eterno e não como alguma coisa de última hora. É possível que assim como não houve tempo em que o Verbo não estivesse com Deus (Jo 1.2), não houve momento em que a humanidade não fosse alvo da consideração divina. Tal é a base de nossa bênção. E a bênção está em sermos participantes do seu louvor em seu Filho amado (vers. 6).

Por que bênção "nos lugares celestiais" e não na terra onde carecemos urgentemente da bênção de Deus? A pista para o sentido desse termo se encontra no vers. 20 - "o fez sentar à direita de Deus nos céus bem acima de toda a autoridade", isto é acima de quaisquer rivais imagináveis. A elevação de Jesus Cristo à direita do Pai por meio da ressurreição tem como pano de fundo o Salmo 110. A mão de Deus é equacionada com sua atividade poderosa e a direita é a posição de autoridade. É interessante observar o ultimo verso do Salmo 109: "ele se põe à direita do pobre". A direita significa a proteção salvadora que Deus oferece aos necessitados.

Vs, 15ss – Do louvor (doxologia), o autor passa para a ação de graças por causa da fé e do amor fraterno operantes (todos os santos, irmãos, sem



discriminação) na Igreja de Éfeso. A ação de graças passa à petição no sentido de que a Igreja de Éfeso cresça mais e mais no conhecimento íntimo do Pai.

Com efeito, fomos destinados à fraternidade que louva o Pai. Essa fraternidade é uma comunidade de sabedoria e esperança. A sabedoria está no mistério do amor de Deus e no reconhecimento das limitações humanas. O louvor, que é o engrandecimento de Deus reconhece a necessidade da sabedoria que vem de Deus e do fortalecimento na esperança, para a qual fomos chamados. O exemplo da insipiência está na atrocidade cometida por Herodes, que ignora o mistério de Deus e, conseqüentemente, as limitações humanas. Ao contrário de Herodes, temos o Pai que enviou Jesus Cristo, cujo propósito é restaurar todas as coisas em Cristo. Então, o Natal é a ocasião em que festejamos uma nova fraternidade (ST).

Santo Evangelho (Mateus 2.1-12)

A liturgia do 2º domingo após o Natal antecipa a festa da Epifania (06/12), a manifestação do Messias ao mundo como luz que brilha para todos os povos. A nova aliança inaugurada por Cristo é para todos os povos, todas as nações, todos os seres humanos. É bom destacar que o final do Evangelho de Mateus fala em evangelizar todas as nações, mas isso já é prenunciado no início do Evangelho com os magos representando essa realidade. Epifania, portanto, é momento de destacar o universalismo da obra de Jesus.

A perícopes selecionada é bastante conhecida: a visita dos magos (*magoi*). Esses magos provavelmente eram astrólogos eruditos (vale lembrar que só com o advento da modernidade, a astrologia perdeu respaldo científico. Até então muitos astrônomos eram também astrólogos). Mas o texto também dá margens a pensar nos magos como praticantes de magia. Isso levou alguns autores patrísticos a interpretar a narrativa como símbolo do triunfo do cristianismo sobre a magia, feitiçaria e bruxaria. Já que Mateus tece várias comparações entre Cristo e o êxodo (por exemplo, a morte das crianças e a fuga para o Egito), essa menção aos magos pode talvez estar conectada ao episódio dos magos egípcios que duelaram com Moisés e Aarão. A menção de três presentes deu ensejo à opinião de que eram três magos, mas isso é incerto e, na verdade, irrelevante. Mas em hipótese alguma podemos considerá-los eufemisticamente como "reis". Eram simplesmente astrólogos ou magos mesmo.

Os dons que os magos ofereceram, representam, sem dúvida "as riquezas das nações" (Is 60.5-6) trazidas ao Messias. Além disso, os magos ofereceram o que de melhor possuíam, mas receberam muito mais: o Deus feito homem. Saíram mais ricos do que antes. Apresentaram coisas e ganharam alguém. Os dons dos povos, ofertados ao Messias devem nos fazer meditar a respeito do tema da inculturação da liturgia. A primeira liturgia oferecida em louvor ao Cristo continha elementos do paganismo devidamente inculturados.

Um ponto que merece destaque é o engano dos magos. Primeiro foram a Jerusalém. Pensaram ser lá, pois lá havia um Rei, sacerdotes e peritos na Lei. Mas era para Belém que a estrela apontava. Em Jerusalém se resumia a opacidade e a caduquice da velha aliança. O engano com Jerusalém levou-os a mover-se em direção



aos lugares pobres para ver que lá Deus se revela. Diferente de Herodes e os doutores da lei que sabiam onde o Messias nasceria, mas que não arredaram o pé de Jerusalém.

Eis aí outro ponto importante. Deus empregou séculos falando ao povo eleito. Enviou profetas a intervalos sucessivos, sempre a fim de mantê-los atentos. E quando veio o Messias, a primeira adoração solene e oficial foi-lhe prestada por gentios. Que não aconteça o mesmo conosco. Contaminados por uma interpretação equivocada da eleição, corremos o risco de sectarizar o Cristo. Mimados demais pela graça, um dia pode chegar alguém perguntando daquele Menino e nós, teremos que confessar envergonhados, que jamais o encontramos, porque nunca nos dispusemos a deixar o conforto de Jerusalém e pôr os pés numa estrebaria. E eles chegariam lá antes de nós. E, com medo de nossa reação, talvez nem voltem para nos contar sobre o que descobriram. (CEBC).